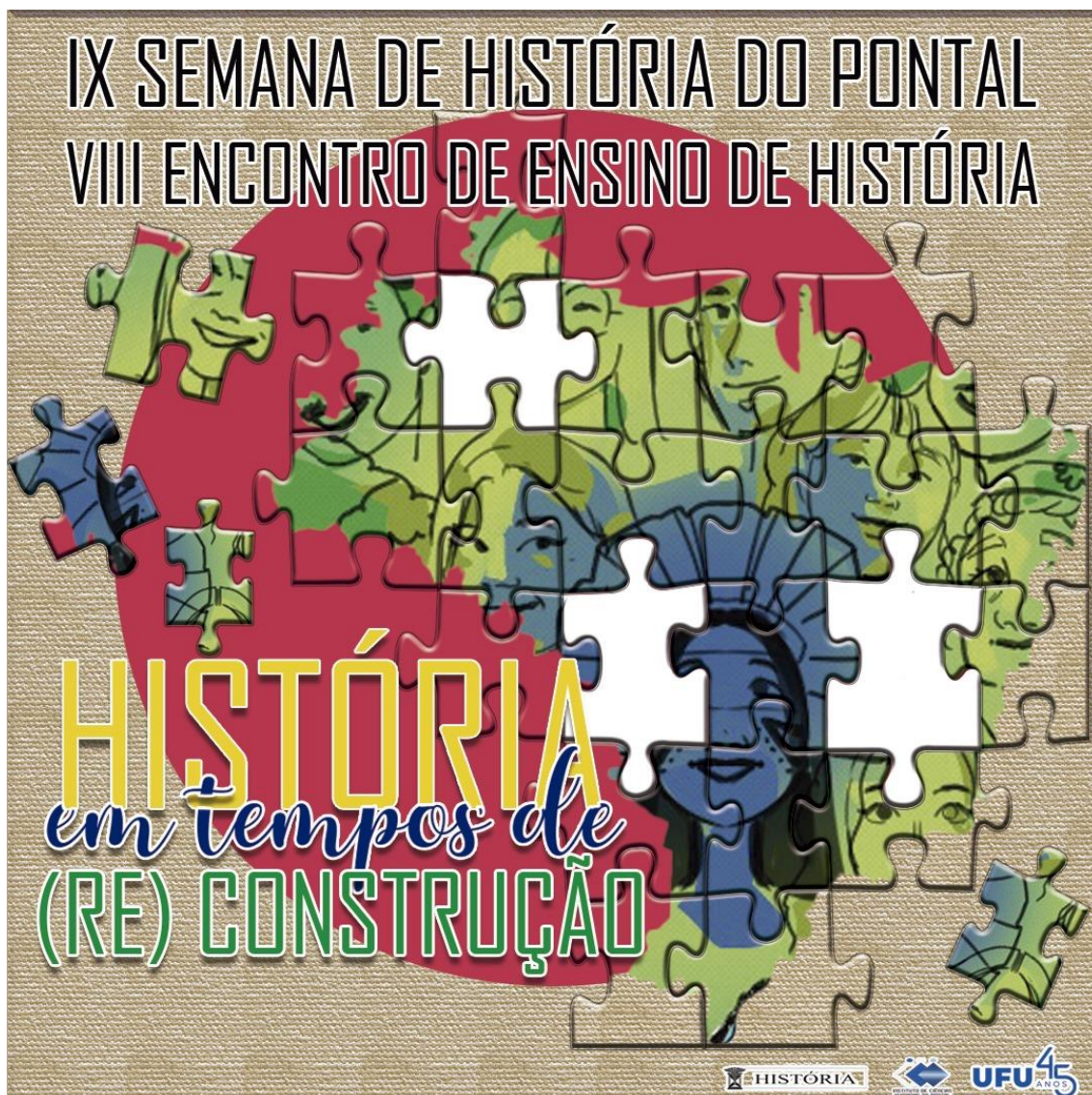


CADERNO DE PROGRAMAÇÃO ST 4



ST 4 - História e historiografia das Américas

Coordenação:

Giliard da Silva Prado (Universidade Federal de Uberlândia)

Newman Di Carlo Caldeira (Universidade Federal de Uberlândia)



PROGRAMAÇÃO

LINK DE ACESSO A SALA: <https://conferenciaweb.rnp.br/ufu/st-4-historia-e-historiografia-das-americas>

TERÇA-FEIRA, 24 DE OUTUBRO – 14H00	
<i>Fronteiras e diplomacia: um estudo do caso brasileiro e boliviano em meados do século XIX</i>	Newman Di Carlo Caldeira Universidade Federal de Uberlândia
<i>Apagamento e revisionismo histórico: a participação das mulheres nas guerras de independência da América Latina durante o século XIX</i>	Matheus Barbosa Dias Universidade Federal de Uberlândia
<i>O populismo, a Argentina e sua personificação: Eva Perón</i>	Maria Brenda Macedo Universidade Federal de Uberlândia
<i>Repressão e resistência: memórias dissidentes da Primavera Negra cubana na blogosfera independente (2003-2023)</i>	Giliard da Silva Prado Universidade Federal de Uberlândia



Repressão e resistência: memórias dissidentes da Primavera Negra cubana na blogosfera independente (2003-2023)

Giliard da Silva Prado

Universidade Federal de Uberlândia

Resumo: A história da experiência revolucionária cubana é marcada pelas sucessivas tentativas do governo revolucionário de promover o fechamento da esfera pública aos grupos opositoristas, com o recurso à censura e a diversas outras práticas repressivas com a finalidade de silenciar as vozes discordantes em relação ao discurso oficial. Uma das principais ondas repressivas contra os opositores ocorreu em março de 2003, quando dezenas de integrantes da oposição pacífica ao governo cubano, incluindo jornalistas e militantes dos direitos humanos, foram presos em Havana e em outras provinciais de Cuba. Vivia-se então um contexto marcado por uma crise econômica, que vinha se acentuando há mais de uma década desde o colapso do bloco socialista, e por um ambiente político caracterizado pela expectativa em torno de um projeto de transição democrática que pudesse representar a superação do regime castrista. Essa onda repressiva praticada pelo governo revolucionário cubano ficou conhecida na opinião pública internacional como “Primavera Negra de Cuba”, tendo os opositores sido considerados como presos políticos. Nesse sentido, o objetivo deste trabalho é compreender como se deram os processos de construção e gestão de memórias dissidentes em torno tanto dos acontecimentos da Primavera Negra de 2003 quanto de seus desdobramentos posteriores nos últimos 20 anos, enfatizando a importância dessas lembranças para a luta opositorista. Para tanto, é feita uma análise da produção bibliográfica acerca do tema, do noticiário da época e sobretudo dos testemunhos dissidentes veiculados, por meio de diversas tipologias documentais, na blogosfera cubana independente. Faz-se, neste trabalho, uma contextualização dos acontecimentos da Primavera Negra, apontando-a como marco fundacional de um dos mais importantes movimentos opositoristas em Cuba: o grupo das Damas de Branco. Constituído por esposas, mães, filhas e outras parentes dos presos da onda repressiva de 2003, o movimento das Damas de Branco organizou-se como forma de resistência pacífica às violações aos direitos humanos em Cuba e ritualizou, com elevado grau de simbolismo, a luta contra as práticas repressivas do regime cubano. Discute-se ainda o importante papel desempenhado pelos testemunhos veiculados na blogosfera cubana para a



compreensão dos antagonismos e lutas políticas, para as afirmações identitárias e para as disputas e reconstruções que envolvem a memória nacional cubana.

Referências

BLOCH, V. Reflexões sobre a dissidência cubana. Revista Eletrônica da ANPHLAC, [S. l.], n. 8, 2013. DOI: 10.46752/anphlac.8.2009.1393. Disponível em: <https://anphlac.emnuvens.com.br/anphlac/article/view/1393>. Acesso em: 23 jun. 2023.

CANDAU, Joël. *Mémoire et identité*. Paris: Presses Universitaires de France, 1998.

CASTELLS, Manuel. *Redes de indignação e esperança: movimentos sociais na era da internet*. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2017.

CATROGA, Fernando. *Memória, história e historiografia*. Coimbra: Quarteto, 2001.

DOSSE, François. Uma história social da memória. In: *A história*. Bauru: EDUSC, 2003, p. 261-298.

FREYRE, Laura. De la Iglesia a la plaza: Las Damas de Blanco y la Lucha por el espacio público en la Habana. *Annual Proceedings of The Association for the Study of the Cuban Economy*, 30 nov. de 2008. Disponível em: <https://econpapers.repec.org/scripts/redir.pf?u=http%3A%2F%2Fwww.ascecuba.org%2F%2Fwp-content%2Fuploads%2F2014%2F09%2Fv18-garciafreyre.pdf;h=repec:qba:annpro:v:18:y:2008:id:757>. Acesso em: 25 set. 2020.

KOSELLECK, Reinhart. Espaço de experiência e horizonte de expectativa: duas categorias históricas. In: *Futuro passado: contribuição à semântica dos tempos históricos*. Rio de Janeiro: Contraponto; Ed. PUC-Rio, 2006, p. 305-327.

LEYVA, Luvel. O corpo cubano e suas performances do queleide na ilha do espetáculo. *Sala Preta*, [S. l.], v. 14, n. 1, p. 67-75, 2014. DOI: 10.11606/issn.2238-3867.v14i1p67-75. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/salapreta/article/view/75739>. Acesso em: 25 set. 2020.

LOVELUCK, Benjamin. *Redes, liberdades e controle: uma genealogia política da internet*. Petrópolis: Vozes, 2018.



PAYÁ, Osvaldo. La noche no será eterna: peligros y esperanzas para Cuba. Florida: Hypermedia, 2018.

PEÑA, Beatriz Calvo (Org.). Buena Vista Social Blog: internet y libertad de expresión en Cuba. Valencia: Aduana Vieja, 2010.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. Revista Estudos Históricos. Rio de Janeiro: CPDOC, v. 2, n. 3, p. 3-15, 1989. Disponível em: <https://periodicos.fgv.br/reh/article/view/2278/1417>. Acesso em: 23 jun. 2023.

RESENDE, Marília A. F. Las Damas de Blanco: memória e resistência política em Cuba (2003-2011). 2021. 65 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) - Universidade Federal de Uberlândia, Ituiutaba, 2021.

RICOUER, Paul. Tempo e narrativa: a intriga e a narrativa histórica. V. 1. São Paulo, Martins Fontes, 2010. ANDRADE, A. K. Estação Itaú: berço histórico de uma cidade. Itaú de Minas: Letrícia,

2001.



O populismo, a Argentina e sua personificação: Eva Perón

Maria Brenda Macedo

Universidade Federal de Uberlândia

Resumo: O presente trabalho tem como intuito apresentar um panorama referente ao populismo na Argentina, modo de governo adotado por Juan Perón, presidente do país de 1946 até 1955 e entre 1973 e 1974. Capelato chama atenção na construção do populismo argentino, Perón, como o líder político das massas, se fazia ser entendido utilizando-se de linguagens fáceis e prometendo ao povo coisas tangíveis, as quais eram de necessidade dos mesmo naquele momento, o líder populista entendia as massas e, principalmente, se fazia ser ouvido, ou seja, no peronismo, o povo “sabia” o que era melhor para si mesmo e tomava uma escolha consciente enquanto agente político em função dos interesses próprios no quesito material e subjetivo. Porém, iremos focar na esposa de Juan Perón: Eva Perón. Em suma, Evita foi uma personagem muito importante no governo Perón, pois ela era basicamente o rosto do governo, era ela que tinha uma proximidade com o povo, que ia de manifestações a seu favor até filas na frente de sua instituição para vê-la. Para análise, foi utilizado o filme “Eva Perón” de 1996, com direção de Juan Carlos Desanzo e Esther Goris no papel de Evita. Assim, o filme irá nos apresentar a trajetória de Evita como a agente atrás do governo Peronista, como ex-atriz passando por seu casamento com Perón e sua sua ambição de tomar a vice-presidência (fato que não se realiza) até chegar ao seu adoecimento e morte pelo câncer. A campanha política do peronismo era chamada de “Perón Eva-Perón” por um motivo: Evita realizava seu papel de rosto do governo majestosamente. Ela era a graciosidade, a força e o poder emoldurados nas suas graciosas feições e é por isso que, ao ficar doente, Evita finaliza suas aparições em público, oras, se Evita fizesse qualquer aparição pública debilitada e fraca isso significaria, proporcionalmente, que Perón, enquanto líder político, também estava fraco. Ela era a personificação do poder peronista. Sua fraqueza e fragilidade significam que o governo passava pelo mesmo que seu corpo: um adoecimento que o levaria à falência. O filme ainda nos mostra que, enquanto a oposição aproveitava-se da fraqueza de Evita para tirar gozo da situação, pichando muros com dizeres como “Viva el cancer!”, o povo, por outro lado, sofria junto a Eva. Eles fazem altares, realizam rezas e procissões clamando pela melhora de sua Santa Evita. O filme acaba - junto a vida de Evita. O filme, assim, irá ser um retrato detalhado e argentino do que foi e representou Eva Perón, além de ser possível observarmos os meios políticos populistas de se fazer



história e se compreender a construção e a "fama" do peronismo na Argentina, perpetuada até hoje.

Referências

CAPELATO, M. H. R. Populismo latino-americano em discussão. In: FERREIRA, J. (org.). O populismo e sua história: debate e crítica. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001. p. 125-165.

EVA Perón. [S. l.], [20--]. Disponível em: <https://www.imdb.com/title/tt0116238/>. Acesso em: 31 jul. 2022.

PEREIRA, Wagner Pinheiro. O MITO EVITA NO CINEMA ARGENTINO: "EVA PERÓN – A VERDADEIRA HISTÓRIA" (1996). Revista Poder e Cultura, [s. l.], 1 mar. 2014. Disponível em:

https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4380130/mod_resource/content/1/O_Mito_Evita_no_Cinema_Argentino.pdf. Acesso em: 29 jul. 2022.

PLOTKIN, M. Primero de Mayo y 17 de Octubre: el origen de dos rituales. In: PLOTKIN, M. Mañana es San Perón: propaganda, rituales políticos y educación en el régimen peronista (1946-1955). Buenos Aires: Ariel, 1993. p. 75-103.



Fronteiras e diplomacia: um estudo do caso brasileiro e boliviano em meados do século XIX

Newman Di Carlo Caldeira

Universidade Federal de Uberlândia

Resumo: Em meados do século XIX, uma questão passou a monopolizar o foco das chancelarias brasileira e boliviana. Entre as décadas de 1830 e 1840, as movimentações internacionais de fuga dos escravizados brasileiros em direção à Bolívia passaram a chamar a atenção dos membros do Ministério dos Negócios Estrangeiros devido às constantes reclamações dos proprietários que habitavam, principalmente, a província de Mato Grosso. Para compreendermos o desenrolar das negociações diplomáticas que tentavam ajustar um instrumento capaz de dirimir as controvérsias suscitadas pelas tentativas de afirmação das pautas de interesse de cada contraparte, optamos por analisar algumas categorias que certamente fazem parte da trama que este trabalho pretende dar a conhecer. Em meio ao trabalho, utilizamos as categorias analíticas de fronteira, território, territorialidade, Estado, diplomacia, nação e condição legal que estavam sendo gestadas no interior de Estados nacionais recém-independentes. Com efeito, analisaremos os tipos de constitucionalismo envolvidos, representação e os critérios de participação implementados com o intuito de garantir a reprodução de um status quo herdado do período colonial e que impossibilitava a maior parte da população de assumir uma postura ativa dentro dos processos decisórios.

Referências

ABECIA BALDIBIESO, V. Las relaciones internacionales en la Historia de Bolivia. La Paz: Editorial Los Amigos del Libro, 1986. t. I.

ACCIOLY, H. Manual de direito internacional público. São Paulo: Saraiva, 1995.

ACQUARONE, A. C. Tratados de extradição: construção, atualidade e projeção do relacionamento bilateral brasileiro. Brasília: Instituto Rio Branco/FUNAG, 2003.

ALMEIDA, P. R. de. Formação da diplomacia econômica do Império: as relações econômicas internacionais no Império. São Paulo: SENAC, 2001.



ANDERSON, B. Comunidades imaginadas: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

ANDREWS, G. R. América Afro-Latina, 1800-2000. São Carlos: EdUFSCar, 2007.

Anais do Encontro Escravidão e Liberdade no Brasil Meridional (4: 2009: Curitiba, PR). Caderno de resumos: IV Encontro Escravidão e Liberdade no Brasil Meridional. Rio de Janeiro: Apicuri, 2009.

BANDEIRA, L. A. M.. A idéia de nação no Brasil. In: BRESSER-PEREIRA, L. C. (org.). Nação, câmbio e desenvolvimento. Rio de Janeiro: FGV, 2008.

BERLIN, I. Gerações de cativo: uma história da escravidão nos Estados Unidos. Rio de Janeiro: Record, 2006.

BEZERRA NETO, J. M. Ousados e insubordinados: protesto e fugas de escravos na província do Grão-Pará (1840-1860). Topoi: Revista de História. Rio de Janeiro, v. 2, p. 73-112, 2001. Semestral.

BLACKBURN, R. A queda do escravismo colonial: 1776-1848. Rio de Janeiro: Record, 2002.

BRIDIKHINA, E. La mujer negra en Bolivia. La Paz: Ministerio de Desarrollo Humano: Subsecretaría de Asuntos de Género, 1995.

CAMPOS, R. A. de. Relações diplomáticas do Brasil de 1808-1912 (contendo os nomes dos representantes diplomáticos do Brasil no estrangeiro e os dos representantes diplomáticos dos diversos países no Rio de Janeiro). Rio de Janeiro: Tipografia do Jornal do Comércio, 1913.

CARRERA DAMAS, G. Introducción general. In: VÁZQUEZ, J. Z. (directora del volumen VI). História General de América Latina: la construcción de las naciones latinoamericanas (1820-1870). Madrid: UNESCO, 2007.

CHIARAMONTE, J. C. Nación y Estado en Iberoamérica: el lenguaje político en tiempos de las independencias. Buenos Aires: Sudamericana, 2004.

CLEMENTI, H. La abolición de la esclavitud en América Latina. Buenos Aires: La Pléyade, 1974.

CONRAD, R. Os últimos anos da escravatura no Brasil: 1850-1888. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.



COOPER, F.; HOLT, T. C.; SCOTT, R. J. Além da escravidão: investigações sobre raça, trabalho e cidadania e sociedades pós-emancipação. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.

DAVIS, D. B. O problema da escravidão na cultura ocidental. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

EUGENIA CHAVES, M. Color, género y esclavitud: mujeres esclavas y libertas en el Brasil y los países andinos (s. XVIII y XIX). In: Cadernos do CHDD/Fundação Alexandre de Gusmão, Centro de História e Documentação Diplomática. – Ano IV, Número Especial. – Brasília, DF: A Fundação, 2005. p. 133-157.

FÉLIX TRIGO, C. Derecho Constitucional Boliviano. La Paz: Fondo Editorial de la Biblioteca y Archivo Histórico del Honorable Congreso Nacional, 2003.

GELLNER, E. Nações e nacionalismo. Lisboa: Gradiva Publicações, 1993.

GOES, S. S. Navegantes, bandeirantes, diplomatas: aspectos da descoberta do continente, da penetração do território brasileiro extra-Tordesilhas e do estabelecimento das fronteiras da Amazônia. Brasília: IPRI, 1991.

GOULART, J. A. Da fuga ao suicídio: aspectos da rebeldia dos escravos no Brasil. Rio de Janeiro: Conquista, 1972.

JOSÉ DURÁN, J. Trata de esclavos. Venta, reventa y arrendamiento de esclavos negros en Chuquisaca, 1826-1851. Actas del V Encuentro Latinoamericano de Estudiantes de Historia. La Paz: Centro de Estudiantes de la Carrera de Historia de la Universidad Mayor de San Andrés, 2009. (CD-Rom).

LOVEMAN, B. El constitucionalismo andino, 1808-1880. In: MAIGUASHCA, J., Ed. Historia de América Andina. Volumen 5 – Creación de las repúblicas y formación de la nación. Quito: Universidad Andina Simón Bolívar, 2003.

LUCENA SALMORAL, M. Los códigos negros de la América Española. Madrid: Ediciones UNESCO/Universidad de Alcalá, 1996.

MALHEIRO, A. P. A escravidão no Brasil: ensaio histórico, jurídico, social. Petrópolis: Vozes/INL, 1976. 2v.

MEIRELES, D. M. Guardiães da Fronteira: rio Guaporé, século XVIII. Petrópolis: Vozes, 1989.

MERLE, M. Sociologia das relações internacionais. Brasília: UnB, 1981.



MITRE, A. Estado, nação e território na Bolívia oligárquica, 1850-1914. In: PAMPLONA, M.; MÄDER, M. E. (orgs.). Revoluções de independências e nacionalismos nas Américas: Peru e Bolívia. São Paulo: Paz e Terra, 2010. v. 4.

MORENO FRAGINALS, M. R. La abolición de la esclavitud. In: VÁZQUEZ, J. Z. (directora del volumen VI). *História General de América Latina: la construcción de las naciones latinoamericanas (1820-1870)*. Madrid: UNESCO, 2007.

MOURA, C. *Rebeliões da senzala: quilombos, insurreições, guerrilhas*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1988.

PADRÓS, H. S. Fronteiras e integração fronteiriça: elementos para uma abordagem conceitual. *Humanas: revista de Ciências Humanas e Filosofia*. v. 17, nº 34, p. 60-72, 1994.

PEABODY, S. *There are no slaves in France: the political culture of race and slavery in the Ancien Régime*. New York: Oxford University Press, 1996.

PETIZ, S. *Buscando a liberdade: as fugas de escravos da província de São Pedro para o além-fronteira (1811-1851)*. Passo Fundo: UPF, 2006.

PIZARROSO CUENCA, A. *La cultura negra en Bolivia*. La Paz: Ediciones ISLA, 1977.

PORTUGAL ORTIZ, M. *La esclavitud negra en las épocas colonial y nacional de Bolivia*. La Paz: Instituto boliviano de cultura, 1977.

PRADO, M. L. C. O Brasil e a distante América do Sul, *Revista de História*, nº 145, 2001.

REIS, J. J.; SILVA, E. *Negociação e conflito: a resistência negra no Brasil escravista*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

REZEK, J. F. *Direito dos tratados*. Rio de Janeiro: Forense, 1984.

RICCI, M. Cabanagem, cidadania e identidade revolucionária: o problema do patriotismo na Amazônia entre 1835 e 1840. *Tempo: Revista do Departamento de História da UFF*, vol. 11, nº 22 (Cidadania e Pobreza), jan. 2007. p. 28.

RODRIGUES, J. H. *Interesse nacional e política externa*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1966.

RODRIGUES, R. *O infame comércio: propostas e experiências no final do tráfico de africanos para o Brasil (1800-1850)*. Campinas: Unicamp, 2000.



RODRÍGUEZ O., J. E. La organización política de los Estados. In: *História General de América Latina: la construcción de las naciones latinoamericanas (1820-1870)*. Madrid: UNESCO, 2004.

SANTOS, L. V. O império e as repúblicas do Pacífico: as relações do Brasil com Chile, Bolívia, Peru, Equador e Colômbia (1822-1889). Curitiba: UFPR, 2002.

SECKINGER, R. L. *Politics in Mato Grosso, 1821-1851*. 1970. 320 páginas. Tese de Doutorado – University of Florida, Berkeley.

SLEMIAN, A. “Delegados do chefe da nação”: a função dos presidentes de província na formação do Império do Brasil (1823-1834), *Almanack Braziliense*, nº 6, nov. 2007.

SLENES, R. W. *Na senzala, uma flor: esperanças e recordações na formação da família escrava, Brasil Sudeste, século XIX*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

SMITH, A. *The Ethnic Basis of National Identity*. In: SMITH, A. D. *National identity*. London; New York: Penguin Books, 1991.

SOARES, A. T. *História da formação das fronteiras do Brasil*. Rio de Janeiro: Conquista, 1975.

THIESSEN-REILY, H. O nacionalismo caudilhista na Bolívia. In: PAMPLONA, M.; DOYLE, D. H. (orgs.). *Nacionalismo no Novo Mundo: a formação dos Estados-nação no século XIX*. Rio de Janeiro: Record, 2008.

VAZQUEZ-MACHICADO, H. *Para una historia de los limites entre Bolivia y el Brasil*. La Paz: Libreria Editorial “Juventud”, 1990.

_____. *La efervescencia libertaria en el Alto Peru de 1809*. In: *Obras completas de Humberto Vázquez-Machicado y José Vázquez-Machicado*. Edición de Guillermo Ovando-Sanz y Alberto M. Vázquez. Volumen III. La Paz: Editorial Don Bosco, 1988.

VOLPATO, L. *A conquista da terra no universo da pobreza: formação da fronteira oeste do Brasil, 1719-1819*. São Paulo: Hucitec; Brasília, DF, INL, 1987.



Apagamento e revisionismo histórico: A participação das mulheres nas guerras de independência da América Latina durante o século XIX

Matheus Barbosa Dias

Universidade Federal de Uberlândia

Resumo: Durante muito tempo a historiografia oficial privilegiou figuras masculinas para representar as virtudes e vontades da América, alocados nos anais da história como heróis em prol das guerras de independência e liberdade da América Latina e do povo americano, figuras como Simon Bolívar, José Bonifácio de Andrada e Silva, Miguel Hidalgo e outros mártires e líderes populares tiveram seu lugar cativo na construção narrativa da história da independência, a partir dessa perspectiva, discutisse uma revisão da historiografia na representação de mulheres e de suas participações no processo de independência da América Latina, que portanto, se apresenta como necessidade fundamental da História, no processo de revisão das construções narrativas desse período do desenvolvimento histórico da América, compreendendo a atuação de outros sujeitos, que por muito tempo foram relegados do plano principal das guerras de independência na América Latina. Observar a escassez documental sobre a participação dessas mulheres no desenvolvimento dos processos da independência, leva a limitação do próprio modo como essa historiografia foi concebida, novas abordagens como a Escola dos Annales e a história das mulheres, possibilita usos metodológicos e verificações de outros elementos indiciários dessa presença feminina nas guerras de independência. O presente estudo pretende analisar a bibliografia pertinente ao tema, sobretudo pelas contribuições de Maria Lígia Prado e Amanda Rodrigues, na construção de uma historiografia que abranja sujeitos como Manuela Era y Gandarillas no México, Manuela Pedraza na Argentina, Maria Remédio del Valle no Peru, Javiera Carrera no Chile e tantas outras que fizeram parte dos processos de indenpendência da América Latina. Conclui-se que a necessidade de observar na historiografia os apagamentos de sujeitos que atuaram ativamente em processos históricos fundamentais para existência e compreensão do espaço e do tempo, como no caso da independência da América Latina, é um dever que se faz em revisitar esses atores e pensar novas metodologias e formas de abordagem, não se propõe uma história totalizante, capaz de abarcar os inúmeros grupos e sujeitos excluídos da historiografia oficial, como operários, escravizados,



indígenas e outros setores que constituem essa sociedade, propõem-se pensar uma história cada vez mais diversa e inclusiva, que corrobore uma construção social de múltiplos fatores, vontades e interesses em um projeto de nação gestado na independência e ainda em processo de amadurecimento.

Referências

NUNES, Caroline Arantes e Silva. A mãe da pátria no processo de independência do Chile: uma análise das representações biográficas de Javiera Carrera (séculos XIX e XX). 2019. 55 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) - Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2019.

PRADO, M. Lígia C. América Latina no século XIX: tramas, telas e textos. São Paulo: EDUSP; Bauru: EDUSC, 1999.

_____ ; FRANCO, Stella Maris Scatena. A participação das mulheres na independência da Nova Granada: gênero e construção de memórias nacionais. Revoluções de independências e nacionalismos nas Américas : Nova Granada, Venezuela e Cuba. Tradução. São Paulo: Paz e Terra, 2009.

_____. Em busca da participação das mulheres nas lutas pela independência política da América Latina. Revista Brasileira de História, v. 12, nº 23/24. São Paulo. ago. pp. 77-90. 1992.

RODRIGUES, Amanda Maria Lima. As mulheres e as guerras de Independência na América Latina do século XIX: invisíveis ou inexistentes? Revista Ameríndia - História, cultura e outros combates. Fortaleza, v.3, n.1 p. 1-10, 2007.